

Volume 2 • Módulo 2 • Língua Portuguesa e Literatura • Unidade 6

Barroco e Romantismo: poesia de sentimentos

Cristiane Brasileiro, Rafael Guimarães Nogueira, Giselle Maria Sarti Leal Muniz Alves, Jacqueline de Faria Barros

Para início de conversa..

Olá, professor(a)!

Nesta unidade, apreciaremos textos relativos a duas escolas literárias: *Barroco* e *Romantismo*. Esses dois períodos de produção literária serão abordados juntos, de modo a realçar pontos em comum entre ambos, como um alto grau de subjetividade contido nas suas obras mais representativas.

Para prepararmos o terreno para uma abordagem como a que estamos assumindo (e que foi proposta originalmente pelo Material do Aluno), desenvolveremos inicialmente o conceito de “estilo de época” na literatura, comparando textos de períodos diferentes de modo a destacar a relação dos mesmos com seus respectivos contextos de produção. Em seguida, partiremos para um recorte mais específico, buscando relacionar textos poéticos escolhidos aos estilos barroco e romântico.

Dessa forma, neste material, você encontrará sugestões de atividades que têm por principal objetivo ampliar, em seus alunos, o repertório de leitura e a habilidade de relacionar, distinguindo e aproximando, discursos produzidos em tempos, espaços e contextos bastante diversos.

As atividades aqui propostas, portanto, podem integrar as variadas possibilidades de abordagem do tema em questão, numa relação de *complementaridade* com o Material Didático do Aluno, que toma como referência inicial para aprofundar, expandir ou explorar novos ângulos de um mesmo assunto. Com esse movimento, esperamos auxiliar você, mais uma vez, no planejamento e na execução de aulas cada vez mais interessantes, atuais e ricas em discussões para os seus alunos.

Bom trabalho!

Apresentação da unidade do material do aluno

Disciplina	Volume	Módulo	Unidade	Estimativa de aulas para essa unidade
Língua Portuguesa	2	2	6	8 aulas de 50 minutos

Titulo da unidade	Tema
Barroco e Romantismo: poesia de sentimentos	O conceito de “estilos de época”; A estética barroca; A estética romântica.
Objetivos da unidade	
Compreender o conceito de estilo de época na Literatura, a partir do estudo dos períodos literários;	
Estabelecer relações entre textos de épocas diferentes, situando aspectos do contexto histórico, social e político no Brasil.	
Relacionar as concepções artísticas e literárias das poesias do Barroco e do Romantismo.	
Seções	Páginas no material do aluno
Para início de conversa...	159 e 160
Seção 1 – A linguagem da poesia	161 a 165
Seção 2 – Duas épocas, duas visões - a poesia do Barroco e do Romantismo	166 a 171
Seção 3 – Barroco e Romantismo – contatos e contrastes na poesia de sentimentos	172 a 183
O que perguntam por aí?	187 e 188
Atividade extra	189 a 192

Recursos e ideias para o Professor

Tipos de Atividades

Para dar suporte às aulas, seguem os recursos, ferramentas e ideias no Material do Professor, correspondentes à Unidade acima:



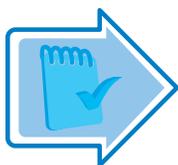
Atividades em grupo ou individuais

São atividades que são feitas com recursos simples disponíveis.



Ferramentas

Atividades que precisam de ferramentas disponíveis para os alunos.



Avaliação

Questões ou propostas de avaliação conforme orientação.



Exercícios

Proposições de exercícios complementares

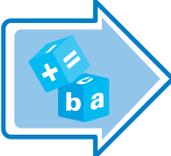
Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Texto e contexto... contexto e texto.	Cópias do exercício.	Análise de poemas de períodos diferentes, a fim relacioná-los aos seus contextos sócio-históricos e aos traços das escolas literárias a que pertencem.	A turma poderá ser dividida em grupos de 03 alunos.	50 minutos.

Seção 2 – Duas épocas, duas visões - a poesia do Barroco e do Romantismo

Páginas no material do aluno

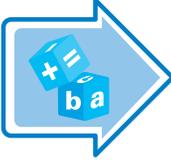
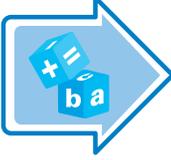
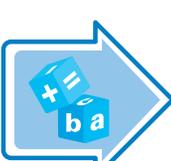
166 a 171

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Um herói pra cada tempo...	Cópias do exercício.	Análise de uma adaptação da Ilíada, de um trecho da novela de cavalaria A demanda do Santo Graal e de versos do poema I-Juca-Pirama, a fim de destacar e comparar as características dos heróis Aquiles e Galaz e I-Juca-Pirama.	A turma pode ser dividida em grupos de 03 alunos.	50 minutos.

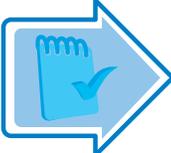
Seção 3 – Barroco e Romantismo – contatos e contrastes na poesia de sentimentos

Páginas no material do aluno

172 a 183

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	As faces de Gregório	Cópias do exercício..	Comparar poemas barrocos, observando, mediante marcas linguísticas, as três vertentes de Gregório de Matos.	Atividade em dupla.	50 minutos
	A sátira como forma de denúncia	Cópias do exercício.	Analisar um poema satírico de Gregório de Matos e relacioná-lo com questões da atualidade, apontadas em manchetes de jornais.	Atividade individual.	50 minutos
	Em busca do Brasil: ontem e hoje	Computador, datashow e cópias dos textos.	Relacionar, oralmente, vídeo sobre Romantismo a textos selecionados.	A turma poderá ser dividida em grupos de 03 alunos.	70 minutos
	Embalados entre a amada e a morte	Cópias do exercício.	Análise comparativa de um soneto de Álvares de Azevedo e da música João e Maria, de Chico Buarque, a fim de identificar pontos comuns na caracterização da morte e, principalmente da mulher.	Atividade individual.	50 minutos

Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Há Romantismo no Barroco?	Cópias do exercício.	Análise comparativa do poema A mãe do Cativo, de Castro Alves, e do samba-enredo Liberdade, Liberdade! Abra as asas sobre nós, do G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense (RJ), a fim de observar aspectos temáticos comuns aos textos.	Atividade individual	50 minutos.

Atividade Inicial

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Texto e contexto... contexto e texto.	Cópias do exercício.	Análise de poemas de períodos diferentes, a fim relacioná-los aos seus contextos sócio-históricos e aos traços das escolas literárias a que pertencem.	A turma poderá ser dividida em grupos de 03 alunos.	50 minutos.

Aspectos operacionais

Esta atividade possui duas questões. A primeira apresenta dois poemas (um Barroco e um Romântico) e boxes com características gerais de cada século em que os textos foram produzidos, a fim de que os alunos relacionem as obras aos períodos sumarizados nos boxes. A segunda questão propõe a exploração temática dos poemas, considerando, inclusive, as figuras de linguagem utilizadas. Para desenvolver estas questões, proponha a leitura dos textos e, em seguida, apresente as questões.

Aspectos pedagógicos

Para a primeira questão, sugerimos a exploração das características de cada século a partir de palavras-chave ou de outras informações, não apresentadas no enunciado da questão. A partir disso, os alunos poderão mais facilmente identificar as características culturais de cada século, relacioná-las aos poemas e identificar a temática central de cada texto.

Atividade

QUESTÃO 1

Identifique a *que século* pertencem os dois poemas que se seguem. Para isso, relacione o conteúdo dos textos às informações históricas presentes neste quadro-síntese.

Século XVII	Século XIX
<p>O século XVII foi marcado pela dualidade: a fé católica e a razão humanista. De um lado, destaca-se o movimento da Reforma Protestante, que, desenvolvida no contexto renascentista, configurou um movimento de oposição à hegemonia da Igreja católica. De outro, sublinha-se a Contrarreforma, que visava ao resgate de valores religiosos medievais.</p> <p>Tal dualidade gerava uma crise espiritual, em que valores da religião (teocentrismo) entravam em forte tensão com os valores associados à razão (antropocentrismo).</p>	<p>No início do século XIX, o Brasil foi marcado por diferentes transformações sociais que contribuíram para a construção de nossa identidade nacional. Dentre os fatos que marcam esse período, destacam-se:</p> <p>1808 – A chegada ao Brasil de D. João VI e da família Real.</p> <p>1808/1821 – A abertura dos portos às nações amigas; instalações de bibliotecas e escolas de nível superior; início da atividade editorial.</p> <p>1822 – A Proclamação da Independência, que concretizou os ideais de liberdade e de patriotismo.</p>

TEXTO 1: (de Gonçalves Dias, Paris, 1864)

Minha terra!

Quanto é grato em terra estranha

Sob um céu menos querido,

Entre feições estrangeiras,

Ver um rosto conhecido;

Ouvir a pátria linguagem
Do berço balbuciada,
Recordar sabidos casos
Saudosos — da terra amada!

E em tristes serões d'inverno,
Tendo a face contra o lar,
Lembrar o sol que já vimos,
E o nosso ameno luar!

Certo é grato; mais sentido
Se nos bate o coração,
Que para a pátria nos voa,
P'ra onde os nossos estão!

Depois de girar no mundo
Como barco em crespo mar,
Amiga praia nos chama
Lá no horizonte a brilhar.

E vendo os vales e os montes
E a pátria que Deus nos deu,
Possamos dizer contentes:
Tudo isto que vejo é meu!

Meu este sol que me aclara,
Minha esta brisa, estes céus:
Estas praias, bosques, fontes,
Eu os conheço — são meus!

Mais os amo quando volte,
Pois do que por fora vi,
A mais querer minha terra,
E minha gente aprendi.

Fonte: http://pt.wikisource.org/wiki/Minha_terra!

TEXTO 2: (de Gregório de Matos)

Aos afetos e lágrimas derramadas na ausência da dama a quem queria bem

Ardor em firme coração nascido;
Pranto por belos olhos derramado;
Incêndio em mares de água disfarçado;
Rio de neve em fogo convertido:

Tu, que um peito abrasas escondido;
Tu, que em um rosto corres desatado;
Quando fogo, em cristais aprisionado;
Quando cristal, em chamas derretido.

Se és fogo, como passas brandamente,
Se és neve, como queimas com porfia?
Mas ai, que andou Amor em ti prudente!

Pois para temperar a tirania,
Como quis que aqui fosse a neve ardente,
Permitiu parecesse a chama fria.

Fonte: http://www.escolamobile.com.br/Emedio/vereda/arquivos/portugues/2cport_cm_90.pdf

QUESTÃO 2

Agora, que você já identificou a que século pertencem os dois poemas acima, aprofunde sua análise: destaque, nos dois fragmentos desses mesmos textos, que se seguem logo adiante, **figuras de linguagem que possam** se relacionar à **temática central** de cada poema.

TEXTO 1:

*Depois de girar no mundo
Como barco em crespo mar,
Amiga praia nos chama
Lá no horizonte a brilhar.*

TEXTO 2:

Se és fogo, como passas brandamente,

Se és neve, como queimas com porfia?

Mas ai, que andou Amor em ti prudente!

Respostas comentadas

QUESTÃO 1

Relacionando as informações referentes a cada período histórico à interpretação dos poemas, espera-se que os alunos concluam que:

O Texto 1, de Gonçalves Dias, insere-se no contexto do século XIX, uma vez que reflete o patriotismo oriundo do processo de Independência do país. No poema, o eu-lírico, distante de sua terra (“em terra estranha”), revela sua nostalgia, exaltando as belezas naturais da “terra amada” com a qual tanto se identifica (tais como, seu céu, seu sol, seu “ameno luar”, seus vales, seus montes, sua brisa, suas praias).

Por sua vez, o Texto 2, de Gregório de Matos, reflete aspectos do século XVII, tendo em vista que a dualidade e o conflito percorrem quase todos os versos do poema. Em sua vertente lírico-filosófica, Gregório busca aproximar elementos opostos (como no trecho “quis que aqui fosse a *neve ardente*, / Permitiu parecesse a *chama fria*.”).

QUESTÃO 2

Na identificação da temática central de cada texto e das figuras de linguagem que a explicitam, espera-se que os alunos concluam que:

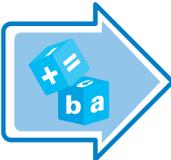
No texto 1, focaliza-se a saudade da pátria e a exaltação de sua beleza natural. No trecho em destaque, os versos “Depois de girar no mundo/Como barco em crespo mar” fazem uma *comparação* que realça traços da natureza nos quais podemos ser submersos, enquanto nos versos “enquanto Amiga praia nos chama/ Lá no horizonte a brilhar”, reaparece a natureza realçada através de uma personificação, que atribui à “praia amiga” uma ação tipicamente humana (“nos chama”). Em ambas as figuras de linguagem, portanto, está muito presente uma ideia geral de natureza e homem fortemente entrelaçados – o que, no caso em questão, só acentuou o sentimento geral de saudade da terra pátria e valorização sentimental da mesma.

Já no Texto 2, o tema é descrição da figura amada, em sua forte dualidade. Há, pois, o uso constante de antíteses (como em “fogo” e “neve”; “passas brandamente” e “queimas com porfia”) na caracterização da amada, a quem o eu-lírico se dirige diretamente.

Seção 2 – Duas épocas, duas visões - a poesia do Barroco e do Romantismo

Páginas no material do aluno

166 a 171

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Um herói pra cada tempo...	Cópias do exercício.	Análise de uma adaptação da Ilíada, de um trecho da novela de cavalaria A demanda do Santo Graal e de versos do poema I-Juca-Pirama, a fim de destacar e comparar as características dos heróis Aquiles e Galaaz e I-Juca-Pirama.	A turma pode ser dividida em grupos de 03 alunos.	50 minutos.

Aspectos operacionais

Proponha a leitura dos dois textos e, em seguida, apresente a questão que se segue.

Aspectos pedagógicos

Inicialmente, recupere, junto a seus alunos, traços gerais da Grécia Antiga, da Idade Média e da primeira metade do século XIX, a fim de contextualizar cada um dos três textos envolvidos na atividade. Em seguida, é importante destacar que o Texto 1 trata-se de uma adaptação, tendo em vista que a obra original (disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/iliadap.pdf>) foi composta originalmente em versos. Ainda antes da leitura desse texto, seria interessante apresentar o trecho do filme *Tróia* que representa o fragmento a ser lido: trata-se da cena em que Aquiles derrota Heitor. Para isso, basta que você procure o trecho do vídeo em sites de busca, como o Youtube. Analise, além do texto verbal, a imagem que o sucede, observando, junto aos alunos, como as duas obras representam a cena. Siga apresentando aos alunos os Textos 2 e 3, focalizando, agora, as figuras de Galaaz e de I-Juca-Pirama, respectivamente. Apresente a proposta de análise e oriente os alunos em suas conclusões.

Atividade

Qual é seu herói preferido? Hércules, Lancelot, Super-homem, Batman, Mulher Maravilha, Rambo... Todos esses personagens possuem características físicas e/ou morais que despertam nossa admiração. E, por isso, podem ser compreendidos como modelos de comportamento. O que veremos, nesta atividade, é que o ideal de homem traduzido pelo herói muda de tempos em tempos, a depender da cultura de cada época.

Para isso, leremos estes três textos:

O primeiro uma adaptação do poema épico *Ilíada*, a narrativa mais famosa dos feitos de Aquiles na Guerra de Tróia. A narrativa é um legado da Antiguidade Clássica, aproximadamente do século VIII a. C. – período histórico marcado pela crença em diferentes deuses (politeísmo) e por constantes guerras territoriais, nas quais os guerreiros deveriam demonstrar sua coragem, força e destreza.

O segundo texto é um fragmento do Canto III da novela de cavalaria *A demanda do Santo Graal*, que narra as aventuras de Galaaz e dos demais Cavaleiros da Távola Redonda do Rei Artur em busca do Santo Graal, cálice sagrado em que no qual José de Arimateia colheu o sangue de Jesus durante a crucificação. Trata-se de uma narrativa da Idade Média, aproximadamente do século XIII d. C. – período em que, pelos princípios cristãos, concebia-se Deus como centro de toda a vida (teocentrismo) e exaltavam-se os valores da humildade, do respeito, da moderação e da abnegação.

O terceiro texto é um fragmento do poema *I-Juca-Pirama*, composto por Gonçalves Dias, em 1851, alguns anos após a Independência de nosso país. Nesse texto narrativo, o personagem-título é um guerreiro tupi que, em uma fuga, é aprisionado por uma tribo dos Timbiras. O trecho que leremos é o canto IV, em que I-Juca-Pirama, a pedido dos próprios inimigos que o haviam capturado, canta longamente seus feitos, a fim de que os mesmos tivessem um gosto ainda maior em sacrificá-lo em um ritual antropofágico.

Leia, com atenção, os três textos. Destaque as características de cada herói. Em seguida, explique de que maneira a caracterização desses dois personagens reflete valores culturais da Antiguidade Clássica, da Idade Média e do séc. XIX no Brasil, respectivamente.

Texto 1: *Ilíada* – Canto XXII

AQUILES DERROTA HEITOR

[...] Enquanto refletia dessa forma, Aquiles se aproximou, tão terrível quanto Marte, sua armadura brilhando como um raio enquanto se movia. Vendo-o, Heitor acovardou-se e fugiu. Aquiles perseguiu-o rapidamente. Ambos correram acompanhando as muralhas pelo lado de fora, dando três voltas na cidade. Sempre que Heitor se aproximava demais das muralhas, Aquiles o interceptava, forçando-o a se afastar, fazendo-o, assim, correr num círculo mais aberto. Contudo, Apolo sustentou as forças de Heitor, não permitindo que elas se exaurissem. Palas, assumindo a forma de Deífobo, o mais corajoso entre os irmãos de Heitor, apareceu repentinamente ao seu lado. Heitor viu-o com deleite, e sentindo-se fortalecido, interrompeu a fuga e virou-se para enfrentar Aquiles. Heitor arremessou a sua lança, que atingiu o escudo de Aquiles e caiu. Voltou-se para pegar uma outra lança nas mãos de Deífobo, mas este havia desaparecido. Finalmente, Heitor compreendeu o seu destino e disse: “Ah! É certo que chegou a minha hora de morrer! Pensei que Deífobo estivesse ao meu lado, mas Palas me enganou, pois na verdade meu irmão ainda está em Tróia. Porém, não morrerei sem glória”. Assim falando, desembainhou a espada e correu para o combate. Aquiles, pro-

tegado pelo escudo, esperou que Heitor se aproximasse. Quando este estava ao alcance, o astuto guerreiro da Grécia escolheu um ponto do pescoço do inimigo que ficava desguarnecido da armadura e arremessou sua lança, atingindo o alvo. Heitor caiu mortalmente ferido, e, agonizando, disse: “Poupa o meu corpo. Permite que meus pais o resgatem, e que eu receba os ritos funerários dos filhos e filhas de Tróia”. Ao que Aquiles replicou: “Cão, não fales em resgate nem em piedade, pois a mim trouxeste horrendo sofrimento. Não! Confia-me, nada há de salvar a tua carcaça da sanha dos cães. Ainda que vinte resgastes e teu peso em ouro me fossem ofertados para devolver teu corpo, não os aceitaria”. Em seguida, retirou o corpo de sua armadura, e amarrando os pés de Heitor a uma corda, prendeu-o atrás de sua carruagem, e arrastou o corpo de lá para cá em frente à cidade, deixando uma trilha na areia. Que palavras poderiam traduzir o sofrimento do rei Príamo e da rainha Hécuba, que testemunharam essa cena! [...]

(BULFINCH, Thomas. **O livro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. [tradução: Luciano Alves Meira]. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2006. Coleção a obra-prima de cada autor; Série ouro; 45. pp. 290 e 291.)



Aquiles, triunfante, arrasta o corpo de Heitor em frente aos portões de Tróia – pintura de Franz Matsch.

(Disponível em: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Triumph_of_Achilles_in_Corfu_Achilleion.jpg?uselang=pt)

Texto 2: A demanda do Santo Graal – Capítulo III

O ASSENTO PERIGOSO

Como Galaaz entrou no paço e acabou o assento perigoso

Eles nisto falando, olharam e viram que todas as portas do paço se fecharam e todas as janelas, mas não escureceu por isso o paço, porque um tal raio de sol, que por toda a casa se estendeu. E aconteceu então uma grande maravilha, não houve quem no paço não perdesse a fala; e olhavam-se uns aos outros e nada podiam dizer; e não houve alguém tão ousado, que disse não ficasse espantado; mas não houve quem sáisse do assento, enquanto isso durou. Aconteceu que entrou Galaaz armado de loriga e brafoneiras e de elmo e de duas divisas de veludo vermelho; e, depós ele, chegou o ermitão, que lhe rogara que o deixasse andar com ele, e trazia um manto e uma garnacha de veludo vermelho em seu braço.

Mas tanto vos digo que não houve no paço quem pudesse entender por onde Galaaz entrara, que em sua vinda não abriram porta nem janela. Mas do ermitão não vos digo, porque o viram entrar pela porta grande. E Galaaz, assim que chegou ao meio do paço, disse de modo que todos ouviram:

– A paz esteja convosco.

E o homem bom pôs as vestes que trazia sobre um alfâmbar, e foi ao rei Artur e disse-lhe:

– Rei Artur, eu te trago o cavaleiro desejado, aquele que vem da alta linguagem do rei Davi e de José de Arimatéia, pelo qual as maravilhas desta terra e das outras terão fim.

E com isto que o homem bom disse, ficou o rei muito alegre. E disse:

– Se isto é verdade, sede bem-vindo. E bem seja vindo o cavaleiro, porque este é o que há de dar cabo às aventuras do santo Graal. Nunca foi feita nesta corte tanta honra como lhe nós faremos; e quem quer que ele seja, eu queria que lhe fosse muito bem, pois de tão alta linhagem vem como dizeis.

– Senhor – disse o ermitão –, cedo o vereis em bom começo.

Então fê-lo vestir os panos que trazia e foi assentá-lo no assento perigoso. E disse:

– Filho, agora vejo o que muito desejei, quando vejo o assento perigoso ocupado.

E quando viram Galaaz no assento, logo todos os cavaleiros tiveram poder de falar, e bradaram todos a uma voz:

– Dom Galaaz, sede o bem-vindo – pois já seu nome sabiam, porque o ermitão o nomeara já ali.

(**A demanda do Santo Graal**. [organização e atualização do português: Heitor Megale.] São Paulo: Companhia das Letras, 2008. pp. 29 e 30.)



Galaaz – pintura de George Frederick Watts

Fonte: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Galahad.jpg>

Vocabulário

Paço	palácio
Maravilha	milagre
Loriga	saio de malha com lâminas de metal (da armadura)
Brafoneira	parte da armadura que cobria o alto do braço
Elmo	parte da armadura, com viseira e crista, que protegia cabeça e rosto
Divisa	emblema
Garnacha	Veste comprida, que desce até aos calcanhares

TEXTO 3: I-Juca-Pirama – Canto IV

Meu canto de morte,

Guerreiros, ouvi:

Sou filho das selvas,

Nas selvas cresci;

Guerreiros, descendo

Da tribo Tupi.

Da tribo pujante,

Que agora anda errante

Por fado inconstante,

Guerreiros, nasci;

Sou bravo, sou forte,

Sou filho do Norte;

Meu canto de morte,

Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,

De tribos imigas,

E as duras fadigas

Da guerra provei;

Nas ondas mendaces

Senti pelas faces

Os silvos fugaces

Dos ventos que amei.

Andei longes terras,

Lidei cruas guerras,

Vaguei pelas serras

Dos vis Aimorés;

Vi lutas de bravos,

Vi fortes — escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados
Já sem maracás;
E os meigos cantores,
Servindo a senhores,
Que vinham traidores,
Com mostras de paz

Aos golpes do imigo
Meu último amigo,
Sem lar, sem abrigo
Caiu junto a mi!
Com plácido rosto,
Serenos e composto,
O acerbo desgosto
Comigo sofri.

Meu pai a meu lado
Já cego e quebrado,
De penas ralado,
Firmava-se em mi:
Nós ambos, mesquinhos,
Por ínvios caminhos,
Cobertos d'espinhos
Chegamos aqui!

O velho no entanto
Sofrendo já tanto
De fome e quebranto,
Só qu'ria morrer!
Não mais me contenho,
Nas matas me embrenho,
Das frechas que tenho
Me quero valer.

Então, forasteiro,
Caí prisioneiro
De um troço guerreiro
Com que me encontrei:
O cru dessorsego
Do pai fraco e cego,
Enquanto não chego,
Qual seja — dizei!

Eu era o seu guia
Na noite sombria,
A só alegria
Que Deus lhe deixou:
Em mim se apoiava,
Em mim se firmava,
Em mim descansava,
Que filho lhe sou.

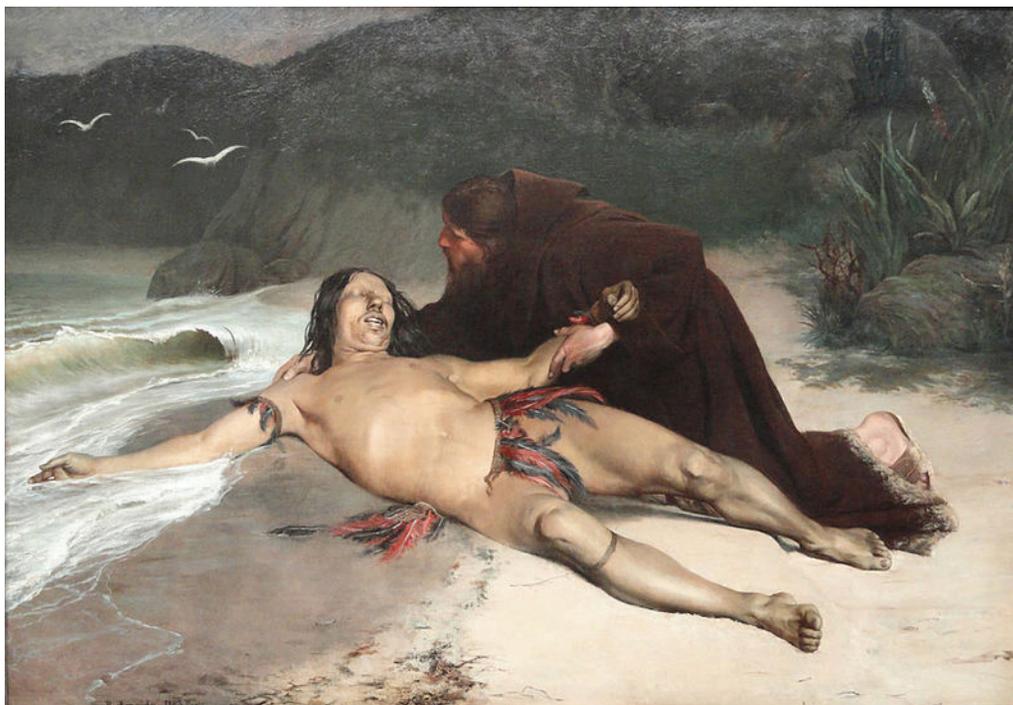
Ao velho coitado
De penas ralado,
Já cego e quebrado,
Que resta? - Morrer.

Enquanto descreve
O giro tão breve
Da vida que teve,
Deixa-me viver!

Não vil, não ignavo,
Mas forte, mas bravo,
Serei vosso escravo:
Aqui virei ter.

Guerreiros, não coro
Do pranto que choro;
Se a vida deploro,
Também sei morrer.

(Disponível em: http://pt.wikisource.org/wiki/I-Juca-Pirama/Canto_IV)



Último Tamoio (de Rodolfo Amoedo, 1883)

(Disponível em: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ultimo_tamoio_1883.jpg)

Resposta comentada

Na *Ilíada*, Aquiles é descrito como o mais belo e o melhor dos heróis reunidos contra Tróia. Especificamente no trecho em análise, destacam-se: sua velocidade, sua força, sua agilidade e sua audácia. Aquiles, assim como demais heróis da Antiguidade Clássica, possuía atributos que se relacionavam a forças da natureza. Desse modo, a velocidade de Aquiles é comparada a um raio: “sua armadura brilhando como um raio enquanto se movia”. Paralelamente, sublinha-se a força física e a destreza do herói no manuseio das armas: “o astuto guerreiro da Grécia escolheu um ponto do pescoço do inimigo que ficava desguarnecido da armadura e arremessou sua lança, atingindo o alvo”. Por fim, ao arrastar o corpo de Heitor, Aquiles revela grande ousadia, pois, além de negar os rituais fúnebres à família do guerreiro derrotado, seu ato ofendia e provocava toda a Tróia.

Já na novela de cavalaria *A demanda do Santo Graal*, Galaaz pode ser comparado a Jesus Cristo. Antes de tudo, seu nome (que significa “o puro dos puros”) destaca sua pureza moral, afastando-o da condição humana. Nesse sentido, no trecho em destaque, Galaaz é apresentado como um ser do qual emana luz; sua aparição na Távola Redonda é marcada por “um tal raio de sol”, que impressiona aos demais cavaleiros. Ao mesmo tempo, as vestimentas do herói possuem a cor vermelha, que aponta realeza e paixão – tendo sendo utilizada em muitas pinturas de Jesus Ressurreto, como nas representações de Raffaello Sanzio (http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Raffaello_Sanzio_Auferstehung_Christi_Sao_Paulo.jpg?uselang=pt) e de Piero della Francesca (<http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Resurrection.JPG?uselang=pt>). Finalmente, a proximidade entre Galaaz e Jesus Cristo também se constrói pela saudação do herói aos cavaleiros (“A paz esteja convosco”) – a mesma utilizada pelo profeta em muitos trechos do Evangelho (dentre os quais: Lucas 24:36 e João 20:26) – e pela genealogia do cavaleiro, “que vem da alta linguagem do rei Davi e de José de Arimatéia”.

No poema *I-Juca-Pirama*, o personagem-título caracteriza-se, inicialmente, por sua coragem e força: “Sou bravo, sou forte,”. Paralelamente, seu nome – que, em tupi, significa “aquele que vai morrer” ou “aquele que é digno de ser morto” – destaca sua honra, refletida na coragem e altivez mantidas mesmo no momento de total entrega aos seus inimigos, que sabidamente vão matá-lo e devorá-lo logo em seguida.

Aquiles, Galaaz e *I-Juca-Pirama* possuem, portanto, virtudes acima da média. No entanto, a caracterização desses heróis revela valores culturais distintos. Na descrição de Aquiles, destaca-se um tipo de virtude dura, a chamada areté, um atributo próprio da nobreza e dos guerreiros que se faziam gloriosos. Nesse sentido, em um período marcado por intensas disputas territoriais, a narração de atos grandiosos e implacáveis como os de Aquiles suscitava e encorajava, principalmente nos exércitos, a busca pela honra e pela glória – ainda que às custas da morte dos outros e de si mesmo.

De forma semelhante, na descrição de Galaaz, a figura idealizada de um cavaleiro servia como motivação para que toda a sociedade medieval cultivasse os mesmo princípio do herói focalizado. Esta caracterização do cavaleiro da Idade Média, entretanto, era reflexo da perspectiva teocêntrica (e não politeísta), segundo qual o homem deve acatar a vontade divina e dedicar toda a sua vida à construção do Reino de Deus, de modo que as virtudes destacadas ligam-se mais aos princípios da lealdade e da castidade.

A representação de *I-Juca-Pirama*, por sua vez, aponta uma idealização do índio, exaltando-o como símbolo da terra, agora independente. O índio concretiza a “teoria do bom selvagem”, de Jean-Jacques Rousseau, segundo a qual o homem, por natureza, é bom, nasce livre; sendo sua maldade advinda apenas da organização social que impõe a

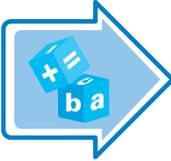
escravidão e a tirania. Nesse sentido, por meio de I-Juca-Pirama – síntese de honra, força, coragem e da harmonia com a natureza – Gonçalves Dias indica um modelo de cidadania fortemente sacrificial que fincou raízes na nossa cultura, e que se expressa ainda hoje, por exemplo, em trechos do Hino Nacional (“verás que um filho teu não foge à luta/ nem teme quem te adora a própria morte”) e do Hino da Independência: “Brava gente brasileira! / Longe vá... temor servil: / Ou ficar a pátria livre / Ou morrer pelo Brasil.”

Logo, mesmo que em períodos e culturas distintas, a construção do herói aponta exemplos de comportamento.

Seção 3 – Barroco e Romantismo – contatos e contrastes na poesia de sentimentos

Páginas no material do aluno

172 a 183

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	As faces de Gregório	Cópias do exercício..	Comparar poemas barrocos, observando, mediante marcas linguísticas, as três vertentes de Gregório de Matos.	Atividade em dupla.	50 minutos

Aspectos operacionais:

Leia os três poemas, esclarecendo dúvidas de vocabulário; compare a linguagem dos textos; proponha as questões de análise e corrija-as.

Aspectos pedagógicos:

Inicialmente, é importante lembrar o que foi visto no Material do Aluno acerca das três faces observadas na poesia de Gregório de Matos. Em seguida, leia os poemas com os alunos. Esclareça as dúvidas de vocabulário, que provavelmente serão muitas, e aponte a presença da linguagem rebuscada como um dos traços da estética barroca, relacionada à intenção de provocar estranhamento, de impressionar. Antes de propor as questões a serem respondidas, seria interessante comentá-las oralmente, conduzindo os alunos na interpretação dos sentidos dos textos.

Atividade

O escritor Gregório de Matos foi o grande representante da poesia barroca. Seus poemas são, normalmente, agrupados em três vertentes: (a) a poesia sacra ou religiosa; (b) a poesia lírico-amorosa; e (c) a poesia satírica.

Atento a isso, indique a qual dessas três vertentes pertence cada um dos poemas a seguir, escritos por Gregório de Matos. Para isso, consulte, se necessário, a síntese presente em seu livro didático.

Poema 1

A Jesus Cristo Nosso Senhor estando o poeta para morrer

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,

Em cuja fé protesto de viver;

Em cuja santa lei hei de morrer,

Amoroso, constante, firme e inteiro:

Neste transe, por ser o derradeiro,

Pois vejo a minha vida anoitecer,

É, meu Jesus, a hora de se ver

A brandura de um pai, manso, cordeiro

Mui grande é vosso amor, e o meu delito:

Porém, por ter fim todo o pecar;

Mas não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar

Que por mais que pequei, neste conflito

Espero em vosso amor de me salvar.

Fim da formatação diferenciada

Poema 2

A Maria dos Povos, sua futura esposa

Discreta, e formosíssima Maria,
Enquanto estamos vendo a qualquer hora
Em tuas faces a rosada Aurora,
Em teus olhos e boca, o Sol e o dia:

Enquanto com gentil descortesia
O ar, que fresco Adônis te namora,
Te espalha a rica trança voadora,
Quando vem passear-te pela fria:

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo trota a toda ligeireza,
E imprime em toda a flor sua pisada.

Oh, não aguardes, que a madura idade
Te converta essa flor, essa beleza
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.

Poema 3

Descreve o que era realmente naquele tempo a cidade da Bahia de mais enredada por menos confusa.

A cada canto um grande conselheiro,
Que nos quer governar a cabana, e vinha,
Não sabem governar sua cozinha,
E podem governar o mundo inteiro.

Em cada porta um frequentado olheiro,
Que a vida do vizinho, e da vizinha
Pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha,
Para a levar à Praça, e ao Terreiro.

Muitos Mulatos desavergonhados,
Trazidos pelos pés os homens nobres,
Posta nas palmas toda a picardia.

Estupendas usuras nos mercados,
Todos, os que não furtam, muito pobres,
E eis aqui a cidade da Bahia.

Resposta comentada

O primeiro poema insere-se na vertente *sacra, ou religiosa*, de Gregório de Matos. É interessante salientar, nesse poema, o sentimentalismo exacerbado e o conflito entre carne, tão próprios da estética barroca. Paralelamente, os alunos podem justificar sua análise pelo fato de o poema se assemelhar a uma oração de contrição, em que o eu poético pede misericórdia a Deus no momento de sua morte. Pode-se comprovar isso pelo trecho: “Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,/ Em cuja fé protesto de viver”, em que há uma declaração de confiança diante da paixão de Cristo, maior prova do amor de Deus aos homens, e, ao mesmo tempo, o pedido de “que, por mais que pequei neste conflito/ espero em vosso amor de me salvar”.

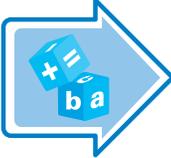
Já a *poesia lírico-amorosa* de Gregório de Matos está no poema 2, “A Maria dos Povos, sua futura esposa”. Para chegar a essa conclusão, os alunos devem ter claro o conceito de *lirismo*, que pode ser retomado por uma revisão dos gêneros literários. Deve-se destacar, também, que a face lírica de Gregório nem sempre é amorosa, podendo apresentar questionamentos de ordem filosófica, como o poema que consta no Material do Aluno. Eles devem justificar essa escolha pelo fato de, no poema, Maria ser elogiada pelo eu poético, que lhe dá atributos fundados em sua visão particular acerca da mulher. A análise pode, ainda, ser comprovada com o trecho: “Em tuas faces a rosada Aurora,/ Em teus olhos e boca, o Sol e o dia”, no qual as metáforas descrevem a beleza de Maria, comparando-a com a beleza do nascer do dia.

Por fim, a *poesia satírica* é aquela em que se “descreve o que era realmente naquele tempo a cidade da Bahia de mais enredada por menos confusa”. Para desenvolver essa análise, os alunos deverão ter claro o conceito de *satira*, que tem como principal traço o uso da ironia, do deboche. Eles devem, também, justificar sua resposta explicando as críticas sociais à Bahia do tempo de Gregório. Um dos trechos em que isso é percebido é: “Não sabem governar sua cozinha,/ E podem governar o mundo inteiro”. Nesse trecho, existe um comentário predominantemente irônico, visto que o eu poético questiona e ridiculariza a competência dos governantes, que segundo o poeta, se julgam capazes de governar o mundo sem, ao menos, saber governar a própria casa.

Seção 3 – Barroco e Romantismo – contatos e contrastes na poesia de sentimentos

Páginas no material do aluno

172 a 183

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	A sátira como forma de denúncia	Cópias do exercício.	Analisar um poema satírico de Gregório de Matos e relacioná-lo com questões da atualidade, apontadas em manchetes de jornais.	Atividade individual.	50 minutos

Aspectos operacionais

Leia o poema, esclarecendo possíveis dúvidas de compreensão. Em seguida, proponha as questões de análise, discuta com os alunos o desenvolvimento das mesmas e corrija-as.

Aspectos pedagógicos

Seria interessante ler o poema com os alunos, consultando o vocabulário fornecido e esclarecendo as possíveis dúvidas que tenham. Uma sugestão seria levar jornais para a sala de aula, que abordassem alguns dos problemas mencionados no poema, para que os alunos percebam a atualidade do texto, ainda que tenha sido escrito há muitos anos.

Atividade

Em sua poesia satírica, Gregório de Matos tinha como principal objetivo apontar problemas sociais, políticos e econômicos pelos quais passava a Bahia de seu tempo. Nesses textos, a ironia é usada como recurso expressivo para lançar uma crítica aos comportamentos inadequados, degradantes, antiéticos de governantes e outras personalidades de destaque na sociedade.

O fragmento logo a seguir é um exemplo dessa poesia satírica. Leia-a com atenção, e depois responda às questões que se seguem.

Epílogos

I

Que falta nesta cidade?...Verdade.
Que mais por sua desonra?...Honra.
Falta mais que se lhe ponha?...Vergonha.

O demo a viver se exponha.
Por mais que a fama a exalta.
Numa cidade onde falta
Verdade, honra, vergonha.

II

Quem a pôs neste socrócio?...Negócio.
Quem causa tal perdição?...Ambição.
E o maior desta loucura?...Usura.

Notável desaventura
De um povo néscio e sandeu,
Que não sabe que o perdeu
Negócio, ambição, usura.

III

Quais são os seus doces objetos?...Pretos.
Tem outros bens mais maciços?...Mestiços.
Quais deste lhe são mais gratos?...Mulatos.

Dou ao demo os insensatos,
Dou ao demo a gente asnal,
Que estima por cabedal
Pretos, mestiços, mulatos.

IV

Quem faz os círios mesquinhos?...Meirinhos.
Quem faz as farinhas tardas?...Guardas.
Quem as tem nos aposentos?...Sargentos.

Os círios lá vêm aos centos,
E a terra fica esfaimando,
Porque os vãos atravessando
Meirinhos, guardas, sargentos.

V

E que a justiça a resguarda?...Bastarda.
É grátis distribuída?...Vendida.
Que tem, que a todos assusta?...Injusta.

Valha-me Deus, o que custa
O que El-Rei nos dá de graça,
Que anda a justiça na praça
Bastarda, vendida, injusta.

Socrócio

confusão

Usura

cobrança de juros

Desventura

infelicidade

Asnal

estúpida

Cabedal

riqueza

Círios

procissões religiosas

Socrócio

confusão

Meirinhos

oficiais de justiça

QUESTÃO 1

O poema trata de várias questões sociais presentes na vida social da cidade da Bahia. Identifique esses problemas mencionados, que estão relacionados a:

- a. Valores éticos (estrofes 1 e 2);
- b. Economia (estrofes 3 e 4)
- c. Discriminação racial (estrofes 5 e 6)
- d. Corrupção das autoridades (estrofes 7 a 10)

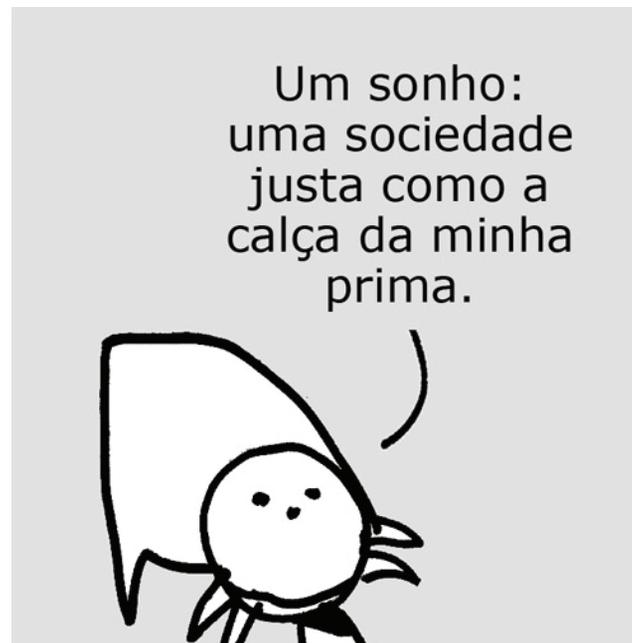
QUESTÃO 2

As manchetes de jornal abaixo estão relacionadas às críticas sociais presentes no poema. Identifique a que problema está relacionada cada uma dessas manchetes.

1. “Mais uma obra de Monteiro Lobato é questionada por suposto racismo”. (GLOBO.COM, 25/9/12)
2. “Jefferson dá nomes do Mensalão e amplia as denúncias de corrupção” (O GLOBO, 15/6/05)
3. “Inflação dos alimentos já é de 14% em 12 meses”. (O GLOBO, 10/5/13)
4. “Valério nega Mensalão, mas não explica saques”. (O GLOBO, 7/7/05)
5. “Peemedebista afirma que Barbosa ‘agiu como preto’ (ESTADÃO, 24/7/13)
6. “Todos os transportes subiram mais que a inflação no Rio”. (EXTRA, 15/7/13)

QUESTÃO 3

Gregório de Matos ficou conhecido como *Boca do Inferno* por suas poesias satíricas, que ridicularizavam os costumes sociais da sociedade baiana de seu tempo. Hoje, as charges – estudadas na Unidade 6 deste módulo – possuem uma função social semelhante: zombar de personalidades, acontecimentos ou instituições relacionadas ao contexto político-social em vigor. Com isso em mente, Indique a situação ilustrada na charge reproduzida logo a seguir, relacionando-a ao atual contexto político-social de nosso país.



Fonte: <http://malvados.files.wordpress.com/2012/04/sociedadejusta.jpg>

QUESTÃO 1

- a. Espera-se que os alunos percebam que a verdade, a honra e a vergonha são valores relacionados à ética. Exemplos disso podem ser apontados, como a vergonha em não devolver algo que se pega emprestado, em ter o nome sujo por não pagar contas em dia, entre outros.
- b. As estrofes 3 e 4 tratam de procedimentos relativos à ambição do ser humano: ter sempre mais e, muitas vezes, mais do que precisa. As relações de mercado, de exploração de mão de obra, os interesses comerciais das empresas, que invadem nossa vida com suas “promoções” e propagandas enganosas, as cobranças de juros exorbitantes podem ser mencionadas, a fim de refletir acerca dos comportamentos consumistas que cultivamos.
- c. As estrofes 5 e 6 tratam da escravidão: conceber o outro como objeto, mercadoria, riqueza. Pode-se aproveitar a oportunidade para tratar da questão racial na atualidade.
- d. As últimas estrofes focalizam a corrupção de autoridades, em especial daquelas que deveriam defender a população, mas que, ao contrário, a extorquem. Podem ser mencionados fatos como a cobrança de propina por parte dos policiais, advogados de bandidos que trocam a verdade por mentira, para lucrarem; juízes que condenam inocentes por dinheiro e em troca de privilégios.

QUESTÃO 2:

Espera-se que os alunos tenham facilidade em resolver esta questão, principalmente após terem desenvolvido a anterior. Entretanto, faz-se necessário ler cada uma das manchetes, contextualizando-as. Em síntese, as manchetes se relacionam a:

1. a questão racial.
2. a corrupção das autoridades.
3. a ambição, a questões econômicas.
4. a corrupção das autoridades.
5. a questão racial.
6. a ambição, a questões econômicas.

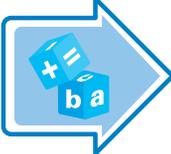
QUESTÃO 3:

Nesta atividade, os alunos devem focalizar a ironia presente na fala do personagem da charge, principalmente, na exploração da ambiguidade da palavra “justa”, que pode apontar “igualitária” ou “apertada”, agenciando assim, ao mesmo tempo, os traços de grande desigualdade e forte sexualização que tanto marcam nossa experiência com a sociedade brasileira. Com essa leitura, oriente seus alunos, ainda, a observar as semelhanças entre o texto chárstico e o poema analisado, destacando que a igualdade social ainda é um desejo não plenamente alcançado.

Seção 3 – Barroco e Romantismo – contatos e contrastes na poesia de sentimentos

Páginas no material do aluno

172 a 183

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Em busca do Brasil: ontem e hoje	Computador, datashow e cópias dos textos.	Relacionar, oralmente, vídeo sobre Romantismo a textos selecionados.	A turma poderá ser dividida em grupos de 03 alunos.	70 minutos

Aspectos operacionais

Assistir ao vídeo. Anotação das características referentes ao período Romantismo. Leitura, em grupo, dos textos. Observação e discussão oral sobre pontos relevantes relacionados ao período observados nos textos.

Aspectos pedagógicos

Inicialmente, lembre seus alunos que a história da literatura é dividida em períodos por etapas determinadas de forma convencional e fortemente relacionada com a histórica geral, retomando, assim, aspectos do chamado Romantismo. Em seguida, frise que o Romantismo tem três fases, sendo a 1ª delas o foco do poema em análise, em que há a valorização da figura do índio e do sentimento nacionalista. A música contemporânea pode ser apresentada com o videoclipe, disponível em sites como o *Youtube*. Proponha as questões de análise, discuta-as com seus alunos e corrija-as.

Atividade

Analise os dois textos que se seguem. O primeiro é foi escrito logo após a Independência do Brasil e, por isso, possui caráter essencialmente nacional: trata-se do poema *O Canto do Guerreiro*, de Gonçalves Dias (1823-1864), que, pertencente à primeira geração romântica, destaca o índio como herói da terra brasileira. O segundo texto é a música *Que país é esse?*, de Renato Russo, que também trata da imagem do índio.

Texto 1:

O CANTO DO GUERREIRO

(Gonçalves Dias)

I

Aqui na floresta

Dos ventos batida,

Façanhas de bravos

Não geram escravos,

Que estimem a vida

Sem guerra e lidar.

- Ouvi-me, Guerreiros.

- Ouvi meu cantar.

II

Valente na guerra

Quem há, como eu sou?

Quem vibra o **tacape**

Com mais valentia?

Quem golpes daria

Fatais, como eu dou?

- Guerreiros, ouvi-me;

- Quem há, como eu sou?

III

Quem guia nos ares

A frecha **imprumada**,

Ferindo uma presa,

Com tanta certeza,

Na altura **arrojada**

Onde eu a mandar?

- Guerreiros, ouvi-me,

- Ouvi meu cantar.

IV

Quem tantos **imigos**

Em guerras **preou**?

Quem canta seus feitos

Com mais energia?

Quem golpes daria

Fatais, como eu dou?

- Guerreiros, ouvi-me:

- Quem há, como eu sou?

V

Na caça ou na lide,

Quem há que me **afronte**?!

A onça raivosa

Meus passos conhece,

O inimigo estremece,

E a ave medrosa

Se esconde no céu.

- Quem há mais valente,

- Mais **destro** do que eu?

VI

Se as matas **estrujo**

Co os sons do **Boré**,

Mil arcos se encurvam,

Mil setas lá voam,

Mil gritos **reboam**,

Mil homens de pé

Eis surgem, respondem

Aos sons do Boré!

- Quem é mais valente,

- Mais forte quem é?

VII

Lá vão pelas matas;

Não fazem ruído:

O vento gemendo

E as malas tremendo

E o triste carpido

Duma ave a cantar,

São eles - guerreiros,

Que faço avançar.

VIII

E o **Piaga** se ruge

No seu **Maracá**,

A morte lá paira

Nos ares frechados,

Os campos **juncados**

De mortos são já:

Mil homens viveram,

Mil homens são lá.

VII

Lá vão pelas matas;

Não fazem ruído:

O vento gemendo

E as malas tremendo

E o triste carpido

Duma ave a cantar,

São eles - guerreiros,

Que faço avançar.

VIII

E o **Piaga** se ruge

No seu **Maracá**,

A morte lá paira

Nos ares frechados,

Os campos **juncados**

De mortos são já:

Mil homens viveram,

Mil homens são lá.

Afronte

encare, pejeje.

Arrojada

lançar, arremessar com ímpeto e força.

Boré

trombeta de bambu usada pelos índios.

Carpido

gemido, pranto.

Co

antigo e popular, aglutinação da preposição “com” e do artigo “o”.

Destro

astuto, hábil, ágil.

Empinada

elevada, muito alta, cume.

Estrujo

vibro fortemente.

Fremente

agitado, violento, que brame como o mar...

Imigos

sinônimo e arcaísmo de inimigos.

Imprumada

com perspicácia, com direção determinada, cautelosa.

Juncados

cobertos

Maracá

chocalho.

Marulhosa

barulhenta, confusa, tumultuada, semelhante ao agito das ondas marítimas..

Piaga

Pajé.

Preou

agarrou, aprisionou, prendeu, tomou.

Reboam

ecoam, fazem eco.

Tacape

espécie de clava, arma de ataque entre os índios americanos.

Texto 2

QUE PAÍS É ESSE

(Renato Russo)

Nas favelas e no senado

Sujeira prá todo lado

Ninguém respeita

A constituição

Mas todos acreditam

No futuro da nação...

(...)

Na morte eu descanso

Mas o sangue anda solto

Manchando os papeis

Documentos fiéis

(...)

Mas o Brasil vai ficar rico

Vamos faturar um milhão

Quando vendemos todas as almas

Dos nossos índios num leilão...

Que país é esse?

Que país é esse?... (2x)

(Disponível em: <http://letras.mus.br/legiao-urbana/46973/>)

QUESTÃO 1

Em *O canto do guerreiro*, várias palavras que remetem à coragem e à contemplação da natureza de um índio que está disposto a enfrentar qualquer obstáculo. Diante disso, responda aos seguintes comandos, que buscam realçar aspectos essenciais à primeira geração do Romantismo:

Identifique elementos que mostram a valentia do índio no poema.

Explique a relação entre o índio e a natureza.

QUESTÃO 2

Na canção do poeta Renato Russo, podemos destacar a revolta frente a um sistema degradado e hostil do qual o Brasil, de acordo com o poeta, participa.

Apresente *diferenças* entre o índio retratado por Gonçalves Dias e o que aparece na canção de Renato Russo.

Nacionalismo e ufanismo são características deste primeiro momento da geração indianista. Destaque os *contrapontos* a estes sentimentos que podemos encontrar no texto 2.

Respostas comentadas

QUESTÃO 1

No poema, todos os instrumentos utilizados pelo índio devem ser observados na resposta dos alunos, tais como: boré, tacape, frecha e outros.

O índio e a natureza estão em plena harmonia. A relação é de entrega total e de unidade. O índio do poema é um herói, valente, guerreiro. Ele é forte e se sustenta por suas próprias mãos. A cultura e a natureza se exaltam pela figura idealizada do índio que se torna o tema literário nacional. Na verdade, a figura desse índio é feita a partir de uma idealização do mesmo, que ganha aspectos de cavaleiro medieval vestido de penas.

QUESTÃO 2

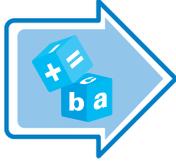
O índio do texto 1 é um herói, exaltado pela terra, forte, poderoso e que ama a natureza sendo irmanado com ela. O índio do texto 2 é um escravo, um ser à venda, descartável e empobrecido, negociável e submetido apenas às leis selvagens do mercado.

O amor pela pátria é substituído, no texto 2, pela revolta contra um sistema quebrado, contra uma realidade de desigualdade social e diferenças. O autor deseja exaltar a necessidade de se observar a realidade com olhos críticos.

Seção 3 – Barroco e Romantismo – contatos e contrastes na poesia de sentimentos

Páginas no material do aluno

172 a 183

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Embalados entre a amada e a morte	Cópias do exercício.	Análise comparativa de um soneto de Álvares de Azevedo e da música João e Maria, de Chico Buarque, a fim de identificar pontos comuns na caracterização da morte e, principalmente da mulher.	Atividade individual.	50 minutos

Aspectos operacionais

Entregar textos. Ler os textos. Observar pontos importantes em ambos os textos. Responder às questões.

Aspectos pedagógicos

Após a entrega dos textos, leia-os e destaque, com seus alunos, os pontos mais importantes a serem observados como as características do período. Em seguida, apresente as questões, esclarecendo possíveis dúvidas antes da realização do trabalho. Permita que façam as atividades, com o seu auxílio, quando necessário.

Atividade

Na geração do mal do século, (2ª fase do período do Romantismo) os autores organizavam sua linguagem de modo a mostrar imagens sugestivas de um pensamento focado na morte, no medo de amar ou no pessimismo diante do mundo onde viviam. Para isso, o eu-lírico usa estratégias baseadas nas palavras, no tempo e no modo de ver a amada. Diante disso e tendo por base a leitura dos textos a seguir, responda as questões:

Texto 1: (de Álvares de Azevedo)

Soneto

Pálida, à luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia.

Era a virgem do mar, na espuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era a mais bela! Seios palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti – as noites eu velei chorando
Por ti – nos sonhos morrerei sorrindo.

Fonte: <http://pensador.uol.com.br/frase/QTQxNTAw/>

Texto 2: (de Chico Buarque)

João e Maria

Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você além das outras três
Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava o rock para as matinês

[...]

E você era a princesa que eu fiz coroar

E era tão linda de se admirar

Que andava nua pelo meu país

Não, não fuja não

Finja que agora eu era o seu brinquedo

Eu era o seu pião

O seu bicho preferido

[...]

Pois você sumiu no mundo sem me avisar

E agora eu era um louco a perguntar

O que é que a vida vai fazer de mim?

Fonte: <http://letras.mus.br/chico-buarque/45140/>

QUESTÃO 1

No poema “Soneto”, de Álvares de Azevedo, as figuras de linguagem atuam na construção da imagem de uma mulher pura, virgem, angelical, quase inatingível no plano real, só possível no plano dos sonhos.

- Cite versos onde apareçam figuras de linguagem como a metáfora explicando o sentido construído pela figura.
- Compare o 9º verso do poema com o 7º verso a fim de observar que tipo de contraste podemos apontar entre as visões desta mesma mulher.

QUESTÃO 2

Observe os pontos que se referem à morte e à mulher e responda:

- Como a morte é vista pelo eu-lírico nos dois textos?
- Explique como a amada é vista na canção e no poema?

Respostas comentadas

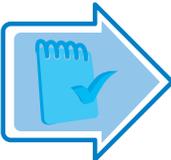
QUESTÃO 1

- a. Por ser a mulher uma figura inatingível, o poeta diz que ela é um anjo: “Não te rias de mim, meu anjo lindo!”, por exemplo. Essa mesma imagem é observada na descrição “Pálida, à luz da lâmpada sombria/Sobre o leito de flores reclinada/Como a lua...”, em que o eu-lírico a compara à lua.
- b. O 7º verso traz a visão desta mulher “anjo”, tão impossível, intocada e pura (ideal e imaginária). O 9º verso, retrata uma mulher de carne e osso, real que sente e vive como o poeta.

QUESTÃO 2

- a. Em ambos os textos, a morte é vista como um mergulho na própria subjetividade e como um desencanto. Busca-se o espaço do sonho e do ideal que não se encontra. Observa-se um pessimismo e uma forte necessidade de evasão.
- b. A amada é vista sob a perspectiva do pessimismo. Ela é inatingível, idealizada, intocada. Vive nos devaneios e nos sonhos do eu- lírico: pura e virginal.

Atividade de Avaliação

Tipos de Atividades	Título da Atividade	Material Necessário	Descrição Sucinta	Divisão da Turma	Tempo Estimado
	Há Romantismo no Barroco?	Cópias do exercício.	Análise comparativa do poema A mãe do Cativo, de Castro Alves, e do samba-enredo Liberdade, Liberdade! Abra as asas sobre nós, do G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense (RJ), a fim de observar aspectos temáticos comuns aos textos.	Atividade individual	50 minutos.

Aspectos operacionais

Proponha a leitura dos textos e, em seguida, as questões de análise.

Aspectos pedagógicos

Inicialmente, converse com os alunos sobre os tempos verbais relembando-os. Após a leitura dos textos selecionados, explicita o objetivo das questões.

Atividade

A última geração do período denominado Romantismo, na poesia, é a chamada geração *condoreira* devido ao simbolismo do *condor*, uma ave que voa a grandes alturas, transmitindo uma sensação de altivez e liberdade. Associado a essa ideia, os poetas dessa vertente poética expressam um discurso persuasivo a favor da liberdade política e social. O maior exemplo disso é Castro Alves, que exalta a natureza brasileira e se dedica às causas humanas, entre elas o abolicionismo. Nesse contexto, você terá em mãos o poema “A mãe do cativo”, de Castro Alves, e a letra de “Liberdade, liberdade” (samba-enredo de 1989 da Imperatriz Leopoldinense, que virou tema de abertura de novela global “Lado a lado”, de 2012), que serão alvos de reflexão sobre a linguagem e sobre a sociedade. Por isso, leia com atenção estes dois textos e, em seguida, responda às questões que estão propostas.

Texto 1:

A mãe do cativo

Ó mãe do **cativo**! que alegre balanças
A rede que ataste nos galhos da selva!
Melhor tu farias se a pobre criança
Cavasses a cova por baixo da relva.
Ó mãe do cativo! que fias à noite
As roupas do filho na choça da palha!
Melhor tu farias se ao pobre pequeno
Tecesses o pano da branca mortalha.
Misérrima! E ensinas ao triste menino
Que existem virtudes e crimes no mundo
E ensinas ao filho que seja brioso,
Que evite dos vícios o abismo profundo ...
E louca, sacodes nesta alma, inda em trevas,
O raio da espr'ança... Cruel ironia!
E ao pássaro mandas voar no infinito,
Enquanto que o prende cadeia sombria! ...

II

Ó Mãe! não despertes est'alma que dorme,
Com o verbo sublime do Mártir da Cruz!
O pobre que rola no abismo sem termo
Pra qu'há de sondá-lo... Que morra sem luz.
Não vês no futuro seu negro fadário,
Ó cega divina que cegas de amor?!
Ensina a teu filho - desonra, misérias,
A vida nos crimes - a morte na dor.
Que seja covarde... que marche encurvado...

Que de homem se torne sombrio réptil.
Nem core de pejo, nem trema de raiva
Se a face lhe cortam com o látigo vil.

Arranca-o do leito... seu corpo habitue-se
Ao frio das noites, aos raios do sol.
Na vida - só cabe-lhe a tanga rasgada!
Na morte - só cabe-lhe o **roto** lençol.
Ensina-o que morda... mas pérfido oculte-se
Bem como a serpente por baixo da chã
Que impávido veja seus pais desonrados,
Que veja sorrindo mancharem-lhe a irmã.
Ensina-lhe as dores de um fero trabalho...
Trabalho que pagam com pútrido pão.
Depois que os amigos açoitte no tronco...
Depois que adormeça co'o sono de um cão.
Criança - não trema dos transe de um mártir!
Mancebo - não sonhe delírios de amor!
Marido - que a esposa conduza sorrindo
Ao leito devasso do próprio senhor! ...
São estes os cantos que deves na terra
Ao mísero escravo somente ensinar.
Ó Mãe que balanças a rede selvagem
Que ataste nos troncos do vasto palmar.

III

Ó Mãe do cativo, que fias à noite
À luz da candeia na choça de palha!
Embala teu filho com essas cantigas...
Ou tece-lhe o pano da branca mortalha.

Fonte: http://pt.wikisource.org/wiki/A_m%C3%A3e_do_cativo

Açoite

levam pancada, chicote..

Brioso

corajoso.

Candeia

Utensílio de folha ou de barro que se usa suspenso da parede ou do velador e em que se coloca azeite ou querosene para alimentar o lume na torcida ou mecha que sai por um bico.

Cantigas

poesias cantadas.

Cativo

escravo.

Choça

habitação humilde.

Devasso

libertino.

Fadário

destino, pesar..

Fero

cruel, violento.

Impávido

destemido

Látego

chicote.

Mancebo

jovem..

Mártir

pessoa que é vítima de maus tratos...

Mortalha

vestidura branca que certos penitentes levam nas procissões; vestidura que envolve o cadáver que vai ser sepultado.

Pérfido

traidor.

Pútrido

podre..

Relva

camada de erva rasteira e fina. ...

Roto

esburacado, rompido, destroçado.

Vil

de pouco valor, miserável, desprezível.

Texto 2:

Samba Enredo 1989 - Liberdade, Liberdade! Abra as asas sobre nós

G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense (RJ)

Vem, vem, vem reviver comigo amor

O centenário em poesia

Nesta pátria, mãe querida

O império decadente, muito rico, incoerente

Era fidalguia

Surgem os tamborins, vem emoção

A bateria vem no pique da canção

E a nobreza enfeita o luxo do salão

Vem viver o sonho que sonhei

Ao longe faz-se ouvir

Tem verde e branco por aí

Brilhando na Sapucaí

Da guerra nunca mais

Esqueceremos do patrono, o duque imortal

A imigração floriu de cultura o Brasil

A música encanta e o povo canta assim

Pra Isabel, a heroína

Que assinou a lei divina

Negro, dançou, comemorou o fim da sina

Na noite quinze reluzente

Com a bravura, finalmente

O marechal que proclamou

Foi presidente

Liberdade, liberdade!

Seja sempre a nossa voz

Fonte: <http://letras.mus.br/imperatriz-leopoldinense-rj/46373/>

QUESTÃO 1

Refletindo sobre a gramática de nossa língua, vimos, nas unidades anteriores, que os verbos cada uma de nossas escolhas linguísticas expressa um diferente ponto de vista sobre *o que* dizemos e/ou sobre *como* o dizemos. Dentre essas escolhas, estão os modos verbais. São eles:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo
Expressa o fato como certo.	Expressa o fato como incerto, duvidoso ou apenas de possível realização.	Expressa uma ordem, um conselho ou uma súplica.

Relacionando a escolha dos modos verbais feita pelo poeta ao sentido dos versos, responda:

- Em que *modo verbal* estão conjugados os verbos que estruturam o último verso da primeira e da segunda estrofe? Qual a diferença de sentido entre esses verbos e aqueles que compõem o primeiro e o segundo verso das mesmas estrofes?
- “Despertes”, “ensina”, “arranca”. Em que *modo verbal* estão conjugados esses verbos que compõem o segundo canto? Qual a importância dessa escolha linguística para a construção do poema?

QUESTÃO 2

O Texto 1 traz à tona o modo como o escravo vivia. Era maltratado, desprezado, sentia dor, tristeza, usava roupas em más condições e, na morte, era coberto com tecido destroçado. Refletindo sobre o problema da discriminação social, faça o que se pede:

- Identifique, em algumas estrofes do poema, ações e condições que denunciam esse problema.
- Em relação à postura da mãe do cativo, comente uma característica que revele a construção de estereótipo do negro.
- Em relação ao Texto 2, destaque correspondências e diferenças observadas quanto à representação da figura do negro e de sua situação social.

Respostas comentadas

QUESTÃO 1

- a. Os verbos estão no futuro do subjuntivo. A diferença é que estes estão no indicativo presente.
- b. Os verbos estão no modo Imperativo (afirmativo). É importante para a estrutura linguística do texto que faz uma súplica, um apelo.

QUESTÃO 2

- a. A condição do escravo é descrita em vários momentos do poema, como em: “Cavasses a cova por baixo da relva” ou em “As roupas do filho na choça da palha!” A figura da pobreza e da morte são figuras sempre necessárias ao negro: “... ao pobre pequeno/ tecesses o pano da branca mortalha”. Entre outras.

- b. Nos versos abaixo, em negrito, o estereótipo do negro pode ser observado.

Não vês no futuro seu negro fadário,

Ó cega divina que cegas de amor?!

Ensina a teu filho - desonra, misérias,

A vida nos crimes - a morte na dor.

Que seja covarde... que marche encurvado...

Que de homem se torne sombrio réptil.

Nem core de pejo, nem trema de raiva

Se a face lhe cortam com o látigo vil

- c. No poema, temos uma representação contundente do negro escravo, desprezado e humilhado socialmente das formas mais vis, que serve por isso de forte denúncia social. Já no texto 2, a letra da canção, o negro é aquele que deseja ser livre, já é capaz de festejar a própria liberdade, e se coloca na posição de reivindicar, para si mesmo e para todos, direitos plenos e iguais.

